

# “A guerra além dos limites – uma guerra irrestrita” – Uma resenha analítica

*Sergio Roberto Dentino Morgado\**

## INTRODUÇÃO

**V**ivemos, hoje, um mundo além dos limites, onde a ética de valores tem sido substituída pelo interesse sem ética. Esse mundo pós-Guerra Fria, pós-industrial e cibernético, onde o principal insumo é a informação, prepara-se para adentrar na já denominada Era do Conhecimento, onde o saber perpassa o ter. É o mundo da globalização, da nova ordem mundial, da unipolaridade e, mais recentemente, do choque de civilizações. É o mundo estampado na mídia, na qual os fundamentalismos se chocam, criando a base para os grandes conflitos do futuro.

Pois é a partir desse cenário que a visão prospectiva nos leva a contemplar a emergência de novos atores, um conjunto denominado BRIC (“tijolo” em inglês), sigla que representa um grupo de nações formado por Brasil, Rússia, Índia e China, que os estudiosos apontam como as potências emergentes do século XXI. Dentre eles, um aflora como o mais promissor a ocupar e disputar uma posição proeminente no concerto mundial, tirando o mundo da unipolaridade e buscando espaço para os seus valores e interesses. A milenar civilização chinesa se apresenta como alternativa, a partir da crença de que “o mundo é chinês, uma verdade que ele ainda não sabe”.

O livro que motivou este ensaio trata de uma nova arte da guerra, fruto desse quadro que abordamos nesta introdução, mas nos coloca, nas suas entrelinhas, em face de uma visão

prospectiva estabelecida como premissa para a emersão da China nesse século.

Procurar entendê-lo e alargar nossa curiosidade é a proposta deste trabalho, que tem sua origem no interesse do Departamento de Ensino e Pesquisa do Exército em estimular o conhecimento e a compreensão da arte da guerra contemporânea e sua relação com o mundo em que vivemos, tendo como referência inicial a tese exposta no livro.

## “A GUERRA ALÉM DOS LIMITES”

### O livro (interpretação)

Aparentemente escrito por chineses para chineses, trata-se de uma ação estratégica de alcance global, confirmada pelas diferentes repercussões que já produziu.

Publicado na China em fevereiro de 1999, veio a público, no âmbito internacional, provavelmente a partir de sua divulgação em Hong Kong, cidade cuja característica de antiga colônia inglesa lhe confere a capacidade de ser um dos centros de repercussão do mundo chinês, onde os observadores de todos os matizes estão sempre prontos a absorver e a divulgar as novidades.

Os autores, dois coronéis pertencentes às Forças Armadas da República Popular da China, têm origens diferentes. Qiao Liang, coronel da Força Aérea, é escritor consagrado por prêmios literários e historiador militar. Wang Xiangsui também é coronel da Força Aérea, mas ali serve como comissário político. Suas motivações para escrever o livro têm origem nas manobras militares que despertaram a atenção do mun-

\* O autor é General-de-Brigada e Historiador.

do, em 1996, envolvendo uma questão geopolítica do mundo chinês sobre a incorporação da Ilha de Formosa à China continental. Participando desses acontecimentos em uma pequena cidade situada no litoral do Mar da China, presenciaram a ação de uma Força Tarefa Naval norte-americana em apoio à decisão de Formosa de continuar sua separação do “Império do Meio”, estabelecida desde a ruptura consumada com a revolução comunista na China e a criação, na ilha, da República Nacionalista da China, por Chiang-Kai-Chek, com o apoio ocidental, no quadro da Guerra Fria. A visão do poderio norte-americano os levou a imaginar estratégias capazes de responder àquela situação. A possibilidade do conflito iminente e suas possíveis conseqüências foram incorporadas a estudos que já vinham sendo realizados pelos autores durante várias décadas, envolvendo questões políticas e estratégicas.

O conteúdo do livro denota extensa pesquisa, particularmente sobre doutrina e evolução do planejamento estratégico dos EUA (em face de sua unipolaridade), que serviram de subsídio aos autores.

O plano geral da obra é composto por duas partes. A primeira é dedicada ao estudo das novas formas de guerra e tem como maior referência a Guerra do Iraque de 1991 e suas conseqüências imediatas. A segunda comporta um estudo da nova arte da guerra, sugerida no seu título. O livro contém, então, análises, críticas e sugestões.

Sua divulgação veio a público, nos EUA, logo após os ataques terroristas de 11 de setembro, com a publicação de uma tradução, não autorizada, editada no Panamá, com o título *A Guerra Irrestrita*, cujo subtítulo *Grande Plano Chinês para destruir a América* nos permite interpretá-la como uma resposta à ação estratégica chinesa acima enunciada. Acrescente-se aos fatos que uma troca de visitas entre altos dignitários militares norte-americanos e chineses, em

ambos os países, provavelmente como incidente aos fatos de 1996, gerou a publicação, em 1998, época em que os coronéis chineses concluíam a sua obra, pela Universidade de Defesa Nacional dos EUA, de um livro intitulado *A Visão Chinesa da Guerra do Futuro*.

Em 2002, foi publicada uma tradução italiana e houve a tentativa, por parte dos militares desse país, de realizar um seminário sobre o assunto, com a participação dos dois coronéis, autores do livro, o que lhes foi negado pela China. A França, no ano seguinte, também publicou sua tradução, além de trazer a público um livro intitulado *A Guerra do Século XXI*, sobre a visão chinesa do assunto e escrito na mesma época dos demais ensaios.

A versão manuscrita de *A Guerra Além dos Limites* foi, segundo os autores, concretizada entre 2 de março e 8 de dezembro de 1998 e o livro foi publicado em fevereiro de 1999, antes dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001 – o ataque de Osama Bin Laden ao World Trade Center e ao Pentágono.

## **Sinopse do livro**

### **Introdução – Motivação**

Numa conferência sobre estratégia, realizada em abril de 1996, no US Army War College, um oficial norte-americano, o Tenente-coronel Lonnie Henley, escreveu um trabalho intitulado *“A China no Século XXI – parceira estratégica... ou oponente”*, no qual concluía: “Pelo menos nos primeiros 25 anos do próximo século, a China não será capaz de desenvolver uma revolução militar.”

O livro pretende ser uma resposta a esta afirmação, apresentada pelos autores de forma subjetiva.

### **Afirmações, deduções e comentários**

A Segunda Guerra do Golfo (os autores consideram o conflito Irã-Iraque como a primei-

ra) foi a guerra que mudou o mundo. Esta afirmativa é a base de toda a análise contida na primeira parte do livro.

Chamam a atenção para os fatos que lhe sucederam: a dissolução da antiga União Soviética; a questão da Bósnia e do Kosovo; o crescimento da Microsoft e da Internet; a crise financeira do Sudeste Asiático; e a emergência dos EUA como potência unipolar, entre outros.

Determinados a não mitificar esta guerra, os autores declaram que a mesma transformou a natureza das guerras. Isto porque, "diante das atuais questões políticas, econômicas, culturais, diplomáticas, éticas e religiosas, cujas complexidades são bem maiores do que as vislumbradas pela maioria dos militares no mundo, as limitações quanto aos meios bélicos, que até agora constituíam um fator de sucesso, subitamente tornaram-se evidentes. No entanto, numa era em que o poder é a razão, estes temas não constituíram entraves. A questão é que as forças multinacionais lideradas pelos EUA, operando na região desértica do Kuwait, marcaram o fim de um período, inaugurando uma nova era".

Os autores especulam que, na atualidade, ainda é difícil vislumbrar se esta nova era irá redundar no desemprego de grandes efetivos militares ou se irá abolir a guerra da face da terra. Que sendo tudo isso ainda indeterminado, a única conclusão certa seria a de que, a partir de agora, a guerra não será mais como sempre foi, sendo conduzida em outros moldes. Eles induzem sua tese, baseados na percepção do profundo impacto que está sendo exercido sobre a sociedade por novas motivações, tais como: a liberdade econômica, a questão dos direitos humanos e a percepção da importância da proteção ambiental.

E acrescentam que a metamorfose da guerra provocará um cenário ainda mais complexo. Então afirmam: "Quando as pessoas começarem a aceitar e regozijar-se com a redução do uso das forças militares para a resolução dos conflitos,

a guerra renascerá sob outro formato, em outro cenário, tornando-se um instrumento de enorme poder nas mãos dos que nutrem a intenção de controlar países e regiões."

Afirmam, ainda, que a redução da natureza da guerra, em sua essência, não significa o seu fim. Mesmo na era pós-moderna ou pós-industrial, a guerra não deixará de existir: ela apenas irá permear a sociedade humana de forma mais complexa, mais penetrante, encoberta e sutil. É por isso que, enquanto presenciávamos uma relativa redução da violência militar, estamos evidenciando, definitivamente, um aumento na violência política, econômica e tecnológica.

Afirmam que a guerra continua sendo a guerra e que as mudanças, em sua aparência externa, não impedem que ela continue a ser regida por princípios, e que esses "novos princípios" não prescrevem mais o emprego de força armada para compelir um inimigo a submeter-se à nossa vontade, e sim a utilização de todos os meios, militares e não militares, letais e não letais, para compelir um inimigo a sujeitar-se aos nossos interesses.

Isso representa uma mudança, tanto na guerra em si, como no modelo de guerra provocado por tal transformação. Eis a introdução do estudo do tema *A Guerra Além dos Limites*.

Os autores nos sugerem, como preparação para o estudo da proposta, as seguintes indagações: Que mudanças realmente existem e o que as suscitou? Que novos rumos estão sendo determinados? Como nos afetam? Como encará-los?

### **1ª Parte – Um novo tipo de Guerra (proposta de estudo)**

#### *A questão da tecnologia*

Ao observarem que a tecnologia produziu desenvolvimentos surpreendentes e magníficos, eles registram que ela nos abstraiu de nossos melhores sentimentos. De certa forma, nos ma-

terializou, o que nos levaria a buscar perceber o impacto da tecnologia sobre a sociedade humana.

Ressaltam a perda de controle da humanidade sobre a revolução tecnológica e apontam a cibernética como uma solução para a busca desse controle, pela característica que possui de ser um elemento integrador de tecnologias. O tradutor deste livro nos chama a atenção para o termo usado pelos autores, como sendo o de tecnologia da informação, e explica que o substituiu por cibernética, porque o seu significado é “ciência que estuda as comunicações e o sistema de controle não só dos organismos vivos, mas também das máquinas”, mais próximo do juízo dos autores.

Alertam que a tecnologia deve ser apenas uma ferramenta, com sentido agregador das diferentes tecnologias, possibilitando sua interligação. Acrescentam que a tecnologia tem sido um instrumento na expansão da globalização, apontando como exemplo, no ramo bélico, a ação dos mísseis Patriot contra os mísseis Scud, que envolvia um conjunto de sistemas interligados, cobrindo quase a metade do globo terrestre, quando um satélite identificava o alvo (o Scud) e enviava um alarme para uma estação receptora na Austrália, que o retransmitia para um posto de comando sediado no território norte-americano que o enviava para o Comando das Forças norte-americanas na Arábia Saudita, de onde saía o comando para o disparo das baterias Patriot. Esse trâmite durava apenas 90 segundos.

Sua conclusão é de que a tecnologia é o grande elemento modificador, indutor e facilitador de um novo tipo de guerra, inclusive aquele que eles denominam além dos limites.

### **Capítulo 1 – A revolução no armamento**

O capítulo trata do paradoxo entre guerrear com as armas existentes ou criar armas específicas para guerrear. Os autores afirmam que as revoluções nos armamentos invariavelmente

antecedem as revoluções nos assuntos militares. O aparecimento do termo “guerra de alta tecnologia”, segundo os autores, é subjetivo e não expressa a verdadeira questão da evolução tecnológica, baseada na dinamicidade e numa constante evolução. Lembram que o termo “guerra cibernética” apareceu em 1976, referindo-se a um sistema de tomada de decisões, e que Alvin Tofler, com o seu Powershift, conferiu ao termo um caráter global.

Exemplificam essa subjetividade ao comparar armamentos tais como o CC M-60, o helicóptero AH-1 Cobra e o bombardeiro B-52 como sendo armas consideradas de “baixa tecnologia”, se comparadas aos CC M1A1 “Abrams”, ao helicóptero AH-64 “Apache” e ao caça “invisível” F-117, cuja dinamicidade tecnológica já os tornou ultrapassados se comparados ao bombardeiro B2, ao helicóptero RAH-64 e ao caça F-22.

Estudam a decisão de guerrear com as armas existentes e lembram o exemplo de sinergia encontrado na adaptação do avião de ataque A-10, projetado na década de 1970, que, com meios de visão noturna e agindo em conjunto com o helicóptero “Apache”, se tornou uma arma mortífera no deserto do Kuwait.

Relembram que o aparecimento do conceito de *Air-Land Battle*, em 1982, criou as novas concepções de teatro de operações informatizado e unidades informatizadas e avalizou a crença na criação de armas específicas para guerrear, priorizando a tática, que, sugerindo a necessidade de armamentos específicos e se realimentando reciprocamente, criaram uma nova forma de relacionamento que vai matizando essa nova forma de guerrear.

Neste quadro, os autores aproveitam a experiência da Guerra na Somália para introduzir o conceito de “guerra assimétrica” e tratar de uma nova dicotomia resultante da questão tecnológica: as armas de emprego neoconcepcional e as armas neoconcepcionais. A questão surge a partir

da armadilha dos elevados custos do emprego da tecnologia na arte da guerra, o que levou ao esfacelamento da União Soviética e o enredar-se dos norte-americanos no mesmo processo. Trata do GAP tecnológico e das soluções possíveis para superá-lo ou amenizá-lo.

Armas de emprego neoconcepcional seriam uma solução de baixo custo, ou seja, o emprego de armas de baixa tecnologia de forma não tradicional, buscando maximizar seus efeitos usando raciocínio abstrato, o que, segundo os autores, não seria uma característica dos norte-americanos.

Já o conceito de armas neoconcepcionais é ainda mais genérico. Parte-se da crença de que qualquer coisa que possa beneficiar o ser humano também pode prejudicá-lo, ou seja, segundo os autores, qualquer coisa neste mundo pode ser transformada em uma arma, e essa percepção ultrapassa qualquer fronteira, qualquer limite. Eles assinalam que assim a tecnologia não é mais o fator preponderante, mas sim o ineditismo de concepção de emprego de qualquer meio disponível.

Um segundo aspecto dessa revolução é o aparecimento das chamadas “armas suaves”, uma resultante do paradoxo nuclear e de uma pretensa tendência de humanização da guerra. Surgem, então, os conceitos de armas não letais, armas de precisão cirúrgica, armas inteligentes, além do uso de vírus, na área de informática, da mídia globalizada e toda uma pletora de meios que os Toffler estudaram em seu livro, *Guerra e Antiguerra*.

Os autores concluem o capítulo com uma advertência: “Mesmo que no futuro todas as armas tenham sido completamente humanizadas, uma guerra por mais suave que seja, na qual se evite o derramamento de sangue, ainda será uma guerra. Pode ser que o processo cruel da guerra seja alterado, mas não há como se mudar a sua essência, que, por derivar de uma compulsão, terá sempre, como uma fatalidade, um final cruel.”

## *Capítulo 2 – A Guerra tornou-se indistinta, mas a guerra é uma luta entre vontades. Por que e por quem lutar?*

Antes, os propósitos eram claros. Os elementos envolvidos eram conhecidos: o soldado, o armamento, o campo de batalha e os propósitos. Hoje, quais são os propósitos? Com o fim da Guerra Fria, quem é o inimigo?

O complexo relacionamento entre interesses nacionais e privados torna muito difícil definir propósitos. Vide a 2ª Guerra do Golfo: foi o petróleo, a expulsão dos iraquianos do Kuwait, a implantação de uma nova ordem mundial, o quê?

Como definir o novo campo de batalha? Como considerar o espectro eletromagnético, o ciberespaço, a globalização da mídia? Quem são os novos guerreiros? A redução de efetivos e a tecnologia cibernética exigem um significativo esforço de readaptação dos militares criados dentro da concepção da guerra mecanizada ou da guerra travada no Vietnã. O novo biotipo do soldado está ligado a uma realidade em que as características do armamento e do equipamento não exigem mais guerreiros bem dotados fisicamente, a não ser em missões muito especiais. O tipo de ser humano que permeia a nova sociedade, com hábitos e crenças, desejos e aspirações, é a nova massa de manobra que irá compor a nova máquina de guerra.

Surge também uma nova categoria, a dos guerreiros não-militares. A guerra tomou uma feição mais civilista, com a atuação da mídia e das ONG's na linha de frente. Os autores fazem uma enorme gama de referências a artigos e autores no estudo dessa questão. E apontam a visão norte-americana para os novos tipos de guerra. Citam-nas: guerra cibernética; guerra de precisão; operações combinadas; operações militares de não guerra (MOOTW).

Os três primeiros tipos partem da premissa de que a alta tecnologia poupará os soldados da guerra de atrição, minimizando contundentemente o número de perdas em combate. As operações

MOOTW, a serem realizadas quando um estado de guerra não é declarado, caracterizam-se pela manutenção da paz, pelo combate ao tráfico de drogas, pelo domínio de levantes, pela ajuda militar, pelo apoio humanitário, pela evacuação de pessoas e pelo combate ao terrorismo.

Contrapondo-se a essa visão, os autores exploram o novo conceito de Operações de Guerra Não-Militares, que “expande o conceito de guerra a todos os campos da atividade humana, com uma abrangência muito maior que o significado da expressão operações militares, expansão esta resultante do fato de que os seres humanos utilizarão quaisquer meios concebíveis, para alcançar seus objetivos”.

E perguntam: “Com o aparecimento da concepção de Operações de Guerra Não-Militares, quais serão os meios que, estando atualmente desvinculados da guerra, tornar-se-ão as novas armas e meios e que se evidenciam, com uma frequência cada vez maior, em todo o mundo?”

E citam e estudam: a guerra comercial; a guerra financeira; o novo terrorismo (Bin Laden); a guerra ecológica; outras formas (guerra de contrabando, guerra de mídia, guerra de drogas, guerra em redes interativas, guerra tecnológica, guerra de recursos, guerra cultural, entre tantas outras). Afirmam que tais fatos estão modificando, de forma sub-reptícia, o entendimento da humanidade quanto ao significado da guerra, e que, se nos restringirmos ao conceito ligado ao tradicional campo de batalha, será muito difícil recuperar o tempo perdido.

Perguntamos nós: a quem interessa conhecer essa nova face do conflito, dessa luta entre vontades. Continuará sendo tratada como uma questão meramente militar?

### *Capítulo 3 – Um clássico que diverge dos clássicos*

A descrição e a crítica da 2ª Guerra do Golfo (1991).

Os autores afirmam que “provavelmente porque a vitória foi alcançada de maneira tão

fácil, é que até hoje muito poucas pessoas que integravam o alegre grupo do Tio Sam avaliaram, de forma precisa, o significado dessa guerra”. Citam que os mais exaltados usaram este evento para reforçar o mito da invencibilidade dos EUA, embora relatem que outros, entre analistas e generais não participantes da ação bélica, consideram que este não foi um exemplo típico que possa servir de modelo, em concordância com o relatório publicado pelo Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais dos EUA sobre “As experiências militares e as lições da Guerra do Golfo”, que afirma: “Em grande parte, as singularidades da Guerra do Golfo não permitem extrair lições e experiências.”

Mas os chineses acrescentam que, embora não tenha sido, no sentido estrito, uma guerra clássica, ela representa o limiar da maior revolução nos assuntos militares ocorrida até os dias atuais e, por isso, não pode ser avaliada por padrões tradicionais. Ela evidenciou o enorme número de nações envolvidas no combate; a sua escala grandiosa; a sua curta duração; o reduzido número de perdas e seus espetaculares resultados. Ela é o modelo de guerra testado da nova era de integração e globalização tecnológica.

Vale a pena estudar e meditar sobre a tessitura dos acordos estabelecidos entre as nações para a sua execução, incluindo a Alemanha, o Japão, a Rússia e o Mundo Árabe, bem como a participação da ONU na montagem dessa engrenagem.

Vale a pena conhecer e meditar sobre a criação da nova Lei de Reorganização do Departamento de Defesa dos EUA, que assegurou que as três forças singulares norte-americanas iriam unir-se para lutar a mesma guerra (um fato incommum). A lei, antigo projeto proposto em 1986 pelos senadores Goldwater e Nichols, é considerada como uma das revoluções em assuntos militares ocorridas no EUA, porque estipulou que, em qualquer conflito, a guerra seria conduzida por forças combinadas e o seu comandante

operacional seria o comandante-em-chefe do teatro de operações onde ela ocorresse.

O outro aspecto abordado pelos autores diz respeito ao chamado “combate omnidimensional”, característica das ordens para as operações combinadas, envolvendo todos os segmentos engajados na ação e exemplificado com as complexas ordens de missão aéreas que serviram como modelo organizacional de comando e processadas por meios digitais.

Refere-se à ação dos helicópteros, como o novo rei do campo de batalha, e à atuação da mídia (a rede CNN, em particular) integrada aos interesses da coalizão, afirmando em relatórios que “o impacto das notícias da mídia foi capaz de exercer um efeito dramático no direcionamento estratégico e nos propósitos das operações militares”.

#### **Capítulo 4 – O apalpar do elefante**

Cada força vê a guerra de forma diferente.

Ao afirmarem que esta guerra proporcionou aos EUA os maiores dividendos militares dos últimos tempos, os autores analisam e criticam a manutenção de uma cerca entre as forças singulares. Ao término da guerra, cada força tinha sua concepção de futuro, apartada das demais e se contrapondo ao espírito da Lei de Reorganização do Departamento de Defesa.

O exemplo é didático, porque envolve a distribuição de recursos orçamentários e sua prioridade. Para defender seus interesses nessa busca de recursos, cada força realizou seus estudos, de forma prospectiva e isoladamente, moldando o seu futuro.

O Exército criou, sucessivamente, ao longo da última década do século, vários projetos de evolução da Força Terrestre: “Exército do Século XXI”, “Exército pós-2020” e “Exército do Amanhã”, todos calcados na evolução da alta tecnologia.

A Força Aérea criou sua “Força Aérea Expedicionária para o Século XXI”, baseada na

criação de plataformas espaciais dotadas dos mais modernos sistemas de armas, semelhante ao velho projeto “Guerra nas Estrelas”.

A Marinha, que se sentiu apequenada na sua participação, trabalhou duas idéias encadeadas; os projetos “*From the Sea*”, em 1992, e “*Forward From the Sea*”, em 1995, para arrematar, em 1997, com o seu “Novo Conceito para o ano de 2020”

Atente-se ao fato de que todos esses projetos antecedem ao atentado de 11 de setembro de 2001.

Os autores chineses criticam a extravagância nos gastos com as operações durante a guerra, destacando uma característica incorporada ao estilo norte-americano de fazer a guerra: considerar como condicionante intrínseca a condição inegociável da vida humana, significando não medir custos para alcançar a vitória sem sofrer perdas. E registraram a observação feita pelo Coronel chinês Xiaochaersi Denglapu e colhida no documento norte-americano “Análise do Ponto de Vista do Inimigo – Conceito de Unificação para 2010”: “Causar vítimas é uma forma eficaz de enfraquecer o poder norte-americano.” E concluem: “Em comparação com a avançada tecnologia de que dispõem, os militares norte-americanos estão nitidamente numa condição de estagnação em seu raciocínio doutrinário, e não tiveram a capacidade de transformar as oportunidades proporcionadas por essa nova tecnologia em proveito de novas táticas militares.”

Ao assinalarem a existência de uma fé cega na tecnologia e no armamento, sempre imaginando que a solução para a vitória em uma guerra somente será encontrada através destes fatores, concluem que os norte-americanos preferem tratá-la como uma maratona tecnológica, não estando mais dispostos a encará-la como um teste de moral, de coragem, de sabedoria e de estratégia. Porque, afirmam, a guerra não é uma corrida linear entre tecnologias e sistemas de

armas e sim um jogo multidimensional, com mudanças contínuas de direção e com a ocorrência de fatores imprevisíveis.

E constatam o pouco interesse despertado, apesar da vitória esmagadora, com a concepção das operações combinadas no final do século XX. Fazem, então, referência à nova concepção lançada pela publicação *The Essentials of War*, do Exército norte-americano, em 1993, sobre o combate omnidimensional, quando foi apresentado um conceito completamente novo de “operações militares de não-combate”. O *World Military Almanac*, na sua edição de 1997, publica uma introdução detalhada dessa nova concepção de combate.

Os autores nos induzem a refletir sobre as discordâncias entre esses diferentes conceitos, que durante o período do pós-guerra foram então aparecendo nas publicações norte-americanas, assumidas por altos chefes e outros militares da alta patente que participaram da guerra, como é o caso do General Tommy Franks, que comandou o 7º Exército Norte-Americano na 2ª Guerra do Golfo, dirigiu o TRADOC – o Quartel-General de Adestramento e Doutrina – logo após essa guerra e foi o Comandante-em-chefe das Forças da Coalizão na 3ª Guerra do Golfo.

Ao concluírem sobre a crença de que a cultura militar norte-americana não aceita priorizar o conceito de operações não-militares, aproveitam para reintroduzir o conceito de operações de guerra não-militares, da sua guerra além dos limites, que será explorado na segunda parte do livro, que trata da nova arte da guerra.

## **2ª Parte – Uma discussão sobre novos métodos de operação**

### **“A Nova Arte da Guerra”**

#### **Preâmbulo**

Os autores começam a analisar as reações que foram sendo cristalizadas no pós-guerra no pensamento militar norte-americano, a partir

da premissa de que esse pensamento enfoca a alta tecnologia e relega a tática, citando William Perry, ex-secretário de Defesa dos EUA, que afirmou que a revolução militar era uma revolução da tecnologia militar.

Eles assinalam uma afirmação do Sumário da Situação Militar publicada pelo *1997 World Military Yearbook*: “Um avanço especial na situação militar, no período de 1995-96, foi que algumas das nações mais poderosas do mundo começaram a priorizar o uso da alta tecnologia para a construção do Poder Militar, tendo como arcabouço a qualidade da formação do militar. Os Estados Unidos implementaram o campo de batalha digital como objetivo da política de emprego da alta tecnologia para a formação do militar.”

Colocam, então, os autores em oposição à visão norte-americana, a sua concepção: “O significado mais importante e o formato derradeiro da revolução militar concretizam-se com a revolução do pensamento militar, que, em última análise, é uma revolução nos modelos e métodos de combate.” Esse é o mote para apresentar a sua tese, que começa com a afirmação de que as Forças Armadas de outros países não são mais a principal ameaça à segurança. Aduzem que embora continuem a existir disputas territoriais, conflitos de nacionalidades, entrechoques religiosos e delineações das esferas de poder, agora são a apropriação indébita de recursos, a disputa por mercados, o controle de capitais, as sanções comerciais e outros fatores correlatos os fatores que constituem a nova ameaça às seguranças política, econômica e militar dos países do mundo. Afirmam que os novos responsáveis pela deflagração das guerras deixaram de ser os Estados soberanos e passaram a ser as organizações criminosas, as organizações terroristas, os indivíduos do submundo, os financistas que controlam enormes quantidades de recursos, os indivíduos psicologicamente desequilibrados que têm fixação por determinados alvos, personalidades obstinadas e todos dotados das possibilidades de iniciar uma guerra militar ou

não-militar. Suas armas tanto podem ser aeronaves, canhões, bombas ou agentes químicos, como podem ser vírus de computador, navegadores de rede, *hackers* e agentes de ordem financeira. A nova e alta tecnologia pode ser empregada para desencadear ataques em redes interativas de dados, ataques de mídia e ataques terroristas.

Tratam da nova visão de soberania, um conceito de segurança nacional ampliado pela globalização, afirmando que todas as nações que veneram o conceito moderno de soberania já deram início à ampliação das suas fronteiras de segurança, estendendo as múltiplas ambiências compreendidas pela política, pela economia, pelos recursos materiais, pela nacionalidade, pela religião, pela cultura, pelas redes interativas, pelo meio ambiente, pelo espaço sideral, entre muitas outras.

Correspondendo a essa nova visão ampliada de soberania, deveria haver uma nova concepção de segurança, também ampliada, envolvendo os interesses nacionais. Eles citam a proposta de um australiano, Xiaomohan Malikev, sobre as novas tendências que irão influenciar a segurança nacional durante o século XXI: globalização da economia; globalização da difusão tecnológica; a maré globalizadora da democracia; a polarização da política internacional; mudanças na configuração dos sistemas internacionais; mudanças nas concepções de segurança; e mudanças nos pontos focais de conflito.

O australiano aponta, então, duas categorias de conflito, os tradicionais e os constituídos pelas novas fontes. Destes, ressaltamos: o nacionalismo (racismo) nas nações em declínio; conflitos culturais entre crenças religiosas; a difusão de armas leves letais; disputas em torno da exploração de petróleo, da pesca e de recursos hídricos; as ondas de deslocamento de populações e refugiados; desastres ecológicos; e o terrorismo.

Concluem este intróito afirmando que a espada não é mais suficiente para o trato da se-

gurança nacional. O grande átrio da segurança de um moderno edifício nacional reside em sua sustentação ser composta por uma resultante da composição de forças inerentes a todos os aspectos do interesse nacional. A materialização dos meios necessários para combater nessa nova ambiência seria fruto da combinação de todas as dimensões e métodos existentes nas ambiências militar e não militar, levando a vislumbrar um modelo de guerra totalmente novo que, simultaneamente, englobasse e se superpusesse a todas as dimensões que influenciam a segurança nacional – eis a nova arte da guerra.

Sua compreensão e solução estariam no que eles denominam a chave estratégica, uma combinação criativa de diversos elementos, atitudes, meios e métodos.

#### *Capítulo 5 – A nova metodologia dos jogos de guerra*

*“Os grandes mestres da arte da guerra do século 21 serão aqueles que empregarem métodos inovadores para possibilitar o reagrupamento de diversas capacidades de modo a permitir a consecução dos objetivos táticos, operacionais e estratégicos.”*

*Yier Tierfude*

As Forças Armadas, em todo o mundo, tomaram conhecimento da futura estrutura de poder militar norte-americano e da sua concepção de um estilo próprio de guerrear através dos documentos *The Concept of Joint Forces in the Year 2010* e *The Army of the Future*.

Os militares norte-americanos mantêm a esperança de continuar praticando os tipos de ações empreendidas na Tempestade do Deserto no decorrer do século XXI. São afirmações colhidas pelos autores, ainda no século XX, quando da preparação do livro.

Aduzem mais: “Os norte-americanos sustentam a idéia de que os meios militares são os meios definidos para a resolução dos conflitos futuros e que as disputas entre países irão resu-

mir-se, ao final, no confronto entre dois grandes exércitos, no campo de batalha.” Em face dessa premissa, as Forças Armadas norte-americanas se propõem a estar preparadas para vencer guerras em dois teatros de operações diferentes.

Segundo o General Collin Powell, chefe do Estado-Maior Conjunto na 2ª Guerra do Golfo, os EUA estavam orientando a maior parcela de suas energias para engajarem-se num tipo de Guerra Fria que nunca mais irá ocorrer. Esse comentário denota divergências de opinião no pensamento militar norte-americano, e os chineses discutem essas divergências.

Criticando a visão norte-americana e ao tratarem da questão da relação entre a globalização e a alta tecnologia, afirmam: “O surgimento em larga escala de uma nova e sofisticada tecnologia provocou a ampliação da possibilidade de que ações não-militares ameacem a segurança nacional; e a comunidade internacional não sabe o que fazer, quando confrontada com ameaças não-militares dotadas de uma capacidade de destruição igual à de uma guerra, também não dispõe de uma capacidade para impor restrições adequadas que seriam necessárias e eficazes.”

Aduzem, ainda, que “as Forças Armadas norte-americanas têm-se afastado das concepções multifacetadas da guerra e têm empurrado o enfrentamento das ameaças não-militares para os políticos e para a Agência Central de Informações (CIA) e, com isso, se eximiram das guerras em outras dimensões, das operações não-militares e de todas as outras novas concepções de guerra”.

Os chineses trabalham, então, duas assertivas: Os EUA estão mal organizados e mal preparados para ameaças não-militares; a guerra sem a pólvora é difícil de ser aceita pelos militares.

Outro aspecto criticado neste capítulo refere-se à destruição das regras que regem a guerra e a questão da perda da eficácia dessas regras dentro da nova ordem criada pela unipolaridade.

É emblemática a afirmação: “Os países pequenos procuram utilizar as regras internacionais para protegerem seus interesses, ao passo que os países grandes utilizam essas regras para exercerem um controle sobre outros países” e que “quando as regras não coincidem com os interesses de um determinado país, e se ele for um país pequeno, o não cumprimento das regras pode ser imposto pelos grandes países, a título de manutenção da lei”.

Esta sua conclusão sugere profunda meditação, pois afirmam que: “O resultado direto da eliminação das regras é que as áreas limitadas por fronteiras visíveis ou invisíveis, e que eram reconhecidas pela comunidade internacional, perderam sua efetividade.”

A partir dessas considerações começam a tratar dos novos meios, destacando a ação dos chamados atores não-estatais, como as ONG’s – um novo tipo de “cavalo de Tróia” – que não respeitam fronteiras e regras. Citam, no mesmo plano, os novos terroristas, sejam os fundamentalistas, sejam os de outras áreas ou modalidades, como os *hackers*. E concluem que “algumas vezes é necessário quebrar as regras para combater esse novo tipo de inimigo”.

Começam, então, a induzir sua proposta de uma nova arte da guerra, concluindo com a afirmação de que “todas as vitórias refletem um fenômeno comum: o vencedor foi aquele que soube criar uma combinação adequada”.

Mas registram que, na atualidade, para a maioria dos chefes militares de alta patente, o método de combinação de elementos na condução da guerra resume-se ao nível do armamento, dos métodos e posicionamento e em relação ao campo de batalha.

E registram que “o que realmente importa é o atendimento de quais serão os elementos a combinar e como combiná-los”. E observam a questão das ambiências diferentes, de guerra e de não-guerra, exemplificando com a idéia de combinar aeronaves *stealth* e mísseis de cruzei-

ro com destruidores de redes interativas, guerras financeiras e ataques terroristas, o que significaria combinar Schuwartzkopf com Soros e Bin Laden.

O tradutor da obra registra uma questão levantada por estudiosos e catedráticos durante um curso realizado no Naval War College, no período 2001-2002, talvez motivada pela assertiva acima descrita e que mostra a dificuldade em tratá-la: “Por que nós (norte-americanos) continuamos a ganhar as guerras e a perder a paz? Os estudos dos chineses apontam para questões fundamentais, como o hiato existente entre o pensamento militar norte-americano e as novas ameaças, que foi uma conclusão de um estudo realizado pelo Instituto de Estudos Estratégicos da Escola de Estado-Maior dos EUA.”

Ao analisarem o primeiro ataque ao World Trade Center, concluem que as Forças Armadas norte-americanas não estão preparadas para lidar com um novo tipo de inimigo, quer em termos psicológicos, quer em termos de novas medidas ou procedimentos operacionais.

Voltam, então, novamente, à questão da nova arte da guerra, tratando da combinação de métodos operacionais, após afirmarem que “métodos não-militares podem proporcionar a vitória sem guerra”, um aforismo ensinado pelo mestre Sun Tzu.

E citam a reação norte-americana à primeira tentativa de Bin Laden para destruir o World Trade Center, quando combinaram a guerra antiterror com a guerra de informação, a guerra financeira e a guerra de imposição legal.

Suas observações finais são as de que não existe ninguém que possa prescrever uma fórmula vitoriosa e garantida para todas as guerras do futuro, subtendendo-se que, a partir do abandono da ética (que situa além dos limites), tudo é possível.

O processo de combinação proposto se apóia na imagem de um tipo de cesta vazia de pensamento militar, na qual colocamos o que

for necessário para alcançar a vitória. Concluem o capítulo com o pensamento do Marechal Yue Fei, da Dinastia Song, que afirma que “a excelência da sutileza de aplicação dos métodos operacionais repousa na capacidade mental do indivíduo”.

Surge, então, a questão: Como preparar as novas gerações?

### ***Capítulo 6 – Em busca de novas regras para conquistar a vitória***

Os autores propõem a adoção de regras, apropriadas à cultura e ao pensamento chinês, aproveitando-se de exemplos históricos de operações militares universais para validarem sua sugestão. Procuram integrar a chamada *regra da proporção áurea*, instituída por Pitágoras, com a que denominam de *regra colateral principal*, ou *a gramática da vitória*. Essa relação está ligada à precisão na seleção da natureza principal da operação e do ponto de incisão do ataque principal, isto é, determinar uma orientação principal levando em conta todos os fatores da guerra em vista, os campos de batalha e as frentes de combate. E seguem seu raciocínio na busca de regras para a vitória em novas ambiências, afirmando que este método, já usado pelos antigos, tem na tecnologia um campo muito mais amplo para agir com sabedoria na aplicação dos meios disponíveis e, para tanto, precisamos estar plenamente capacitados intelectualmente.

Demonstram cautela na sua proposta, quando afirmam que “não existe uma fórmula para vencer uma guerra”, com a ressalva de que toda guerra exige regras.

### ***Capítulo 7 – As novas regras que transcendem limites***

Ao afirmarem que a luta pela vitória irá ocorrer em “um campo de batalha além do campo de batalha”, os autores abrem espaço para explicar sua tese de uma guerra além dos limites, citando Maquiavel como precursor desse le-

gado, ao propor o uso de qualquer processo, honesto ou desonesto, na consecução do objetivo.

A seu juízo, “exceder os limites” significa ir além do que é denominado ou entendido por contorno, ou seja, ultrapassar a fronteira entre o campo de batalha e o que não é campo de batalha; entre um militar e um não militar; entre o Estado e o supra-estado; ultrapassar fronteiras tecnológicas, teóricas, psicológicas, éticas, tradicionais, costumeiras e outras. Referem-se a todos os contornos que possam restringir a guerra a limites.

E concluem: “Aquele que pretende vencer as guerras atuais ou aquelas do futuro, quer dizer, ter a vitória firmemente segura em suas mãos, deverá combinar todos os recursos de guerra à sua disposição e utilizá-los como meios para a condução da guerra, criando o conceito de guerra em supracombinação.” Citam: combinações supranacionais (de organizações nacionais, internacionais e não-estatais); combinações de ambiências (além do campo de batalha); supra-combinação de meios (combinação de todos os meios disponíveis – militares e não militares – para a execução das operações); supra-combinação de níveis (combinando todos os níveis de conflito em cada campanha).

### **Capítulo 8 – Os Princípios da Guerra além dos Limites**

Apesar de preconizarem uma guerra em que não haja limites para alcançar a vitória, os autores afirmam que “ainda que o objetivo da ideologia além dos limites que propomos seja o de romper com todas as restrições, ainda assim existe uma limitação que deve ser rigorosamente observada, qual seja, a obediência a princípios essenciais, quando da execução das ações de combate”.

E formulam oito princípios a serem aplicados à sua “guerra além dos limites”:

1) Onidirecionalidade – compreender o planejamento e a observação em 360° e o emprego combinado de todos os fatores relacionados.

2) Sincronia – compreender a condução das ações em espaços distintos dentro do mesmo período de tempo.

3) Objetivos limitados – compreender, de forma figurada, a utilização de uma bússola para orientar a ação – dentre uma série aceitável de meios disponíveis, significando que os objetivos devem ser menores do que as medidas estabelecidas.

4) Medidas ilimitadas – a tendência é no sentido do emprego irrestrito de meios, sendo, porém, restrito à consecução de objetivos limitados.

5) Desequilíbrio – a busca de modos de ação na direção oposta dos contornos do equilíbrio da simetria, de forma a canalizar o pensamento na direção oposta ao equilíbrio e a desenvolver operações de combate neste contexto.

6) Consumo mínimo – utilizar o mínimo de recursos de combate e que sejam suficientes para a consecução do objetivo;

7) Coordenação multidimensional – compreender a coordenação e a alocação de todas as forças que podem ser mobilizadas nas ambiências militar e não-militar em relação a um objetivo.

8) Ajuste e controle de todo o processo – durante todo o transcorrer da guerra, deve-se obter, continuamente, informações, adaptar as ações e controlar a situação.

Esse conjunto de princípios reflete a visão cultural chinesa, cuja percepção pode ser compreendida a partir da ajuda que François Jullien oferece no seu livro *Tratado da Eficácia*.

### **Conclusão a que chegam os autores**

Ao encerrarem sua obra, os autores questionam a existência do Estado-Nação, tal como foi concebido após a Conferência de Westphalia, em 1648, e apresentam, num quadro fechado, uma nova visão de ameaças no mundo globalizado, fruto de uma pesquisa da revista *Newsweek*, em 1997, e de um ponto de vista do Exército norte-americano sobre as categorias dessas ame-

aças, para corroborar a tese do livro sobre um campo de batalha sem fronteiras.

Aproveitam a conhecida afirmação de Clemenceau, que disse ser a guerra um assunto muito sério para ser deixado a cargo dos generais, para aduzir que a transferência da direção da guerra para os políticos também não representa a solução ideal para esse importante assunto.

Lamentam que a tecnologia não permita, ainda, o controle da guerra, embora ressaltem que ela pode diminuir a sua brutalidade, com a ressalva que essa mesma brutalidade se expandiu para outras ambiências. E convidam os seus leitores a encontrarem a chave para desvendar os problemas que a globalização interligou e encadeou. Na verdade, nos convidam a encontrar um novo limite além dos limites.

### **AÇÕES GERAIS A PROPOR**

Em realidade, estimular a leitura do livro é muito pouco para a proposta que ele contém. As literaturas mais recentes sobre os conflitos em andamento no mundo já o apontam como obra de referência. Seu conteúdo é substancioso e oferece diversas fontes como subsídio para um estudo aprofundado da nova ordem mundial no campo dos conflitos.

A pretensão do Brasil em se tornar uma potência emergente passa pela capacidade de enfrentar esse tipo de desafio na liça das nações. Começar a entender os caminhos dessa nova ordem é uma proposta razoável.

É por isso que nos permitimos sugerir algumas atividades que julgamos pertinentes ao envolvimento com essa temática tão rica e tão desafiadora. Trata-se de uma importante oportunidade para se realizar um estudo comparado entre as 2ª (1991) e 3ª (2003) Guerras do Golfo,

tendo como referências suas causas, os interesses em jogo e as ações políticas pretendidas (realizadas ou não), suas motivações e óbices, as diferentes preparações nos diferentes campos do poder, os custos – previstos e realizados –, o armamento empregado, com as competentes informações sobre seu desenvolvimento e adaptações, as repercussões em todos os campos do poder e a identificação das vulnerabilidades passadas, presentes e futuras dos atores em cena, podendo ainda serem avaliados os cenários montados para o novo conflito e sua concretização.

Sugerimos então que seja estimulada a realização de análises comparativas entre as 2ª e a 3ª Guerras do Golfo, de forma validar as premissas estabelecidas pelos autores. Que sejam realizados seminários e colóquios, envolvendo não só os estabelecimentos de ensino do Exército, mas também outras entidades interessadas no conteúdo da obra, estudiosos e analistas de diferentes origens, inclusive estrangeiros, de forma a estimular o aprofundamento do estudo da proposta dos autores e a busca da consistência da tese apresentada. Que seja estimulada a leitura de obras relativas ao assunto e avaliada a possibilidade de sua inclusão no Editorial da Biblioteca do Exército, bem como a confecção de artigos e ensaios sobre o tema. Que seja constituído um grupo de trabalho para pesquisar e acompanhar os estudos sobre o tema, os já existentes e os futuros, mesmo fora da Força, em todos os níveis e em qualquer ambiência, aí incluídos os contatos com as nossas aditâncias. Ao constatar que, no âmbito da disputa de poder, internamente, entre a grande maioria das nações, desenvolve-se também uma guerra além dos limites, seria interessante avaliar a conveniência de estudar suas implicações nas operações de garantia da lei e da ordem. ☉

### **Bibliografia sugerida**

ALEXANDER, Coronel John B. *Armas Não-Letais: alternativas para os conflitos do século XXI* – Tradução do Cel. José Magalhães de Souza – Gráfica e Editora Lidador – 2003.

- BARBER, Benjamin R. *Jihad x McMundo* – Editora Record – 2003.  
 ——. *O Império do Medo* – Editora Record – 2005.
- BONIFACE, Pascal. *Guerras do Amanhã*. Editorial Inquérito – Março de 2003 – Portugal.
- CARDOSO, Gen Alberto Mendes. *Os 13 Momentos da Arte da Guerra* – Editora Record – 2005.
- CHOMSKY, Noam. *Novas e Velhas Ordens Mundiais* – Editora Página Aberta Ltda. – 1996.
- CHUNG, Dr. Tom. *Negócios com a China: desvendando os segredos da cultura e estratégias da mente chinesa* – Novo Século Editora – 2005.
- DEL VALLE, Alexandre. *Guerras contra a Europa* – Bom Texto Editora – 2003.
- FERREIRA, Argemiro. *O Império contra-ataca* – Editora Paz e Terra – 2004.
- GUÉHENNO, Jean-Marie. *O Fim da Democracia* – Editora Bertrand Brasil – 1994.  
 ——. *O Futuro da Liberdade* – Editora Bertrand Brasil – 2003.
- JULLIEN, François. *Tratado da eficácia* – Editora 34 – 1998.
- KAGAN, Robert. *Do Paraíso e do Poder: os Estados Unidos e a Europa na nova ordem mundial* – Editora Rocco – 2003.
- KEEGAN, John. *Inteligência na Guerra* – Companhia das Letras – 2006.
- KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *Império e Terror* – IBRASA – 2003.
- NAISBITT, John. *Megatendências Ásia* – Editora Campus – 1997.
- NYE JR., Joseph S. *O Paradoxo do Poder Americano* – Editora UNESP – 2002.
- Organizado por HUTTON, Will e GIDDENS, Anthony. *No Limite da Racionalidade* – Editora Record – 2004.
- REVEL, Jean-François. *A Obsessão Antiamericana: Causas e Inconseqüências* – UniverCidade – 2003.
- RIFKIN, Jeremy. *O Sonho Europeu* – M. Books do Brasil Editora Ltda. – 2005.
- ROBINSON, Jeffrey. *A Globalização do Crime* – Ediouro – 2001.
- STERN, Jéssica. *Terror em nome de Deus* – Barcarolla – 2006.
- TODD, Emmanuel. *Depois do Império* – Editora Record – 2003.
- TOFFLER, Alvin e Heidi. *Guerra e Anti-Guerra* – Editora Record – 1993.
- TSE, Lao. *O Livro do Sentido e da Vida – Tão Tê King* – Hemus Livraria – 2003.
- VIDAL, Gore. *Sonhando a Guerra* – Editora Nova Fronteira – 2003.
- WOODWARD, Bob. *Bush em Guerra* – Editora ARX – 2003.  
 ——. *Plano de Ataque* – Editora Globo – 2004.

## BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

### Coleção General Benício



### **BRASIL — FRANÇA, relações históricas no período colonial**

**Vasco Mariz (organizador)**

As relações entre luso-brasileiros e franceses no período colonial comentadas por 12 autores numa só obra.  
 O leitor conhecerá a influência da cultura francesa nas diferentes regiões da colônia portuguesa na América do Sul.